CDU 869.0(81) Freyre. 06

NORDESTE DE GILBERTO FREYRE
ECOLOGIA E DOENÇA EM PERNAMBUCO

Geraldo Pereira

O homem nordestino, o matuto em particular, é hoje um ser inferiorizado, no largo contexto de vida da espécie a que pertence. Homem – quase se pode dizer – mutante, não genético, propriamente, mas ambiental, das características originais de seus semelhantes. Inferioridade que se exterioriza no nanismo físico e no retardo mental, mas atestada pela desnutrição, pelas parasitoses e infecções, sempre presentes como razões causais da injúria orgânica. Gente de obituário precoce e de saúde constantemente abalada. Inferioridade imposta por uma economia deturpada, que trouxe sérios danos ecológicos e resultou em profundas injunções sociais.

Tudo isso teve, durante algum tempo, a interpretação que, talvez, tenha sido a melhor para o segmento dominante: a do fatalismo em habitar uma zona tropical do planeta. Daí, a conotação das chamadas doenças tropicais, para as quais as influências climáticas pluviométricas, higrométricas e, até, edáficas responderiam pela causalidade, mais do que a precariedade do existir humano. Argumentação fácil, contrária às posturas mesológicas na gênese dos quadros mórbidos vistos nos trópicos, reside na higidez do gentio. O índio sempre viveu com saúde, em que o pese o fato de ter sido recentemente descrita a presença de ovos de vermes em coprólitos mumificados, o que leva a crer na possibilidade do nativo ter sido um parasitado, já. Não apresentava manifestações clínicas, porque a nutrição era suficientemente capaz de manter o equilíbrio entre o parasito e o hospedeiro. Mas, que doenças serão essas, mais prevalentes nos pobres e que poupam os remediados da sorte?

As doenças são sociais, economicamente impostas e ecologicamente ambientadas. Doenças tropicais, mesmo, há poucas e não desprezam as interveniências do ambiente na manuntenção endêmica. Sem dúvida que peculiaridades habitualmente vistas nos trópicos são facilitadoras da perpetuação de ciclos biológicos, dependentes, quase todos, do parasitismo humano. Reconhece-se, contudo, uma Medicina Tropical, ramo da ciência voltado para as infecções e parasitoses, que são as causas mais freqüentes do acometimento humano na zona intertropical do globo. Especialidade cujo espectro está sendo ampliado, na medida em que afecções de natureza diversificada têm sido identificadas nos trópicos.

É de se comentar, todavia, que o perfil da mortalidade em certas capitais do Nordeste tem assumido um padrão somente observado em países desenvolvidos ou em cidades do Sul do Brasil, nas quais o padrão de vida é, significativamente, superior. Em outras palavras, no Recife, por exemplo, as doenças cardiovasculares superaram as chamadas doenças transmissíveis como causa de morte, segundo demonstra Jarbas Malta em *Doenças Cardíacas nos Trópicos*. Perfil paradoxal este, o de uma cidade do terceiro mundo com a sua gente morrendo por conta de males do desenvolvimento! A morbidade, contudo, continua a mesma e os índices atuais reproduzem os dados dos anos cinqüenta ou as doenças registradas nas décadas de trinta ou quarenta. As taxas de mortalidade caíram, notadamente a partir de 1973, em conseqüência de certas intervenções sociais, sanitárias e assistenciais. Não se pode negar que os programas governamentais do período militar contribuíram para a contenção dos óbitos em menores de um ano. Vacinações, assistência médica e habitação, por certo, tiveram papel significativo na questão.

O declínio nas taxas de morte dos infantes tem oferecido mais e mais crianças à sociedade, resultando no incremento, também, de menores desassistidos, abandonados, largados à própria sorte. Os que foram poupados a partir de 1973 não contam com uma nutrição adequada e não freqüentam a escola, razão pela qual hão de se somar, também, à legião dos que sobrevivem da atividade informal ou acrescentar-se-ão ao contingente de marginais urbanos, implementando a violência.

Todo esse desconcerto é fruto de um processo inteiramente errôneo de colonização: erro perpetuado depois pelos que assumiram a Monarquia e sustentaram a República. Economia de latifúndios, de propriedades enormes dedicadas ao cultivo de um vegetal só, plantado, colhido e processado industrialmente para ser exportado. Economia concentradora de renda e distanciadora das classes, generosa para poucos e sufocante com a maioria. Economia antiecológica, destruidora da flora e da fauna, poluidora dos rios e de todas as águas.

Deseja-se aqui, então, discorrer sobre a temática econômica, ecológica e sociológica como base causal da nosologia regional. Pretende-se pautar o pensamento tomando a linha mestra do livro de Gilberto Freyre, publicado nos idos de 1937, intitulado *Nordeste*. Nordeste sem mais nada, como diz o autor no Prefácio à quinta edição. A intenção é a de apon-

tar o quanto há, ainda, de atual no texto gilbertiano, transcorridos mais de cinqüenta anos da publicação. Na medida em que os comentários forem evoluindo em torno das posições e considerações do escritor, opiniões de autores mais recentes e dados estatísticos atuais virão em socorro às idéias do autor destas linhas, na tentativa que se faz em demonstrar a atualidade de *Nordeste*.

O livro, cujo objetivo é uma abordagem ecológica da Região, na expressão, mesmo, do escritor pernambucano, ultrapassa a pretensão inicial, pois fere de perto questões econômicas e sociais, em tudo intervenientes no relacionamento entre a cana-de-açúcar e a terra, a água, a mata, os animais e o homem. A cana preside a obra, mostrando o quanto a gramínea tem influenciado os destinos desta malsinada região. Foi a cana que chegou como opção econômica, devastando o ambiente primitivo. A partir daí, o solo rural passou a ter uma ocupação deturpada, dirigida para a monocultura, as águas foram contaminadas, a mata vergou e os animais se foram, prejudicando o homem; não o homem da casa-grande, mas o agricultor paupérrimo.

A lição maior de *Nordeste*, de cunho ecológico, mas também econômico e sociológico e, até, sanitário epidemiológico, está na responsabilidade que teve a monocultura, o exclusivismo brutal de que fala Gilberto Freyre, nos destinos da Região.

O plantio de uma espécie só não teria trazido danos tão graves, se o espaço para as culturas de subsistência e o pequeno criatório fosse respeitado. O solo, mesmo não sendo da melhor qualidade, como disseram os primeiros cronistas e explica muito bem o autor da obra aqui comentada, permite o cultivo da mandioca, do feijão e do milho, além das fruteiras, que em quantidade cobriam a terra úmida do massapê. Da mesma forma, a pecuária de corte e o gado leiteiro.

A cana assim, extensivamente plantada, não parece ter dado certo em lugar nenhum, como demonstra, em *Geografia da Fome*, Josué de Castro. Não deu certo no Haiti, em Cuba, em Porto Rico e em Java. É vegetal autofágico, alude Castro, engolindo terras e mais terras, consumindo o humus do solo, aniquilando pequenas culturas e o próprio capital humano. De início, comenta, ainda, o autor, é capaz de trazer o fausto, o esplendor, a riqueza fácil, mas somente de forma fugaz, logo entrando em processo agônico de larga duração. A geração dos dias que correm no Nordeste do Brasil não conheceu a época áurea do açúcar, mas assiste à agonia lenta da gramínea, seguindo a progressiva queda do sistema econômico e a opressão social, cada vez maior, dos que não são favorecidos financeiramente.

Sobre a cana e mais largamente sobre a fertilidade do massapê em Pernambuco, há uma antecipação gilbertiana digna de comentários: o destaque que o autor oferece à valia da atmosfera na vitória do açúcar no Estado. Realmente, Aluísio Sotero, em *Agricultura no Trópico Brasileiro – Subsídio a uma Política de Ação*, mostra o papel dos elementos químicos encontrados no ar do Nordeste. Demonstra que sendo a biomassa vege-

tal constituída por 44% de Carbono, 45% de Oxigênio, 6% de Hidrogênio e 5% de outros minerais, são as folhas, pela fotossíntese, as grandes responsáveis pela nutrição vegetal, verdadeiras raízes aéreas. Das entranhas do massapê restaria à planta captar a água e os minerais antes referidos. O agrônomo dá ênfase, também, ao importante papel desempenhado pela energia solar e destaca o quanto a chamada microflora e certos macrosseres são importantes na fertilidade da gordurosa terra nordestina.

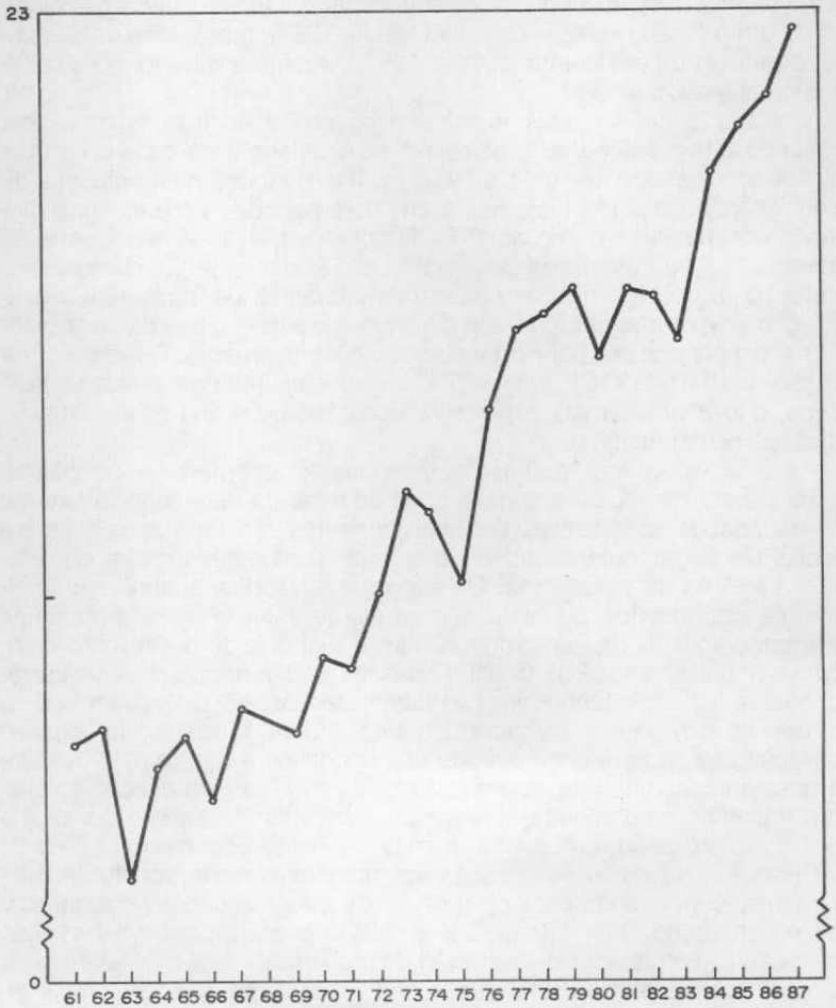
A grande questão do momento ainda é, como em 1937 já denunciava Gilberto Freyre, a utilização do solo rural em Pernambuco, solo destinado ao exclusivismo brutal, ao plantio de uma só espécie, para utilizar expressões do próprio autor. O canavial hoje recobre o massapê inteiro, quase, sem deixar nesga de terra, que seja, para o plantio da mandioca, do feijão e do milho ou voltada para o criatório de aves, caprinos e suínos, tão ao gosto do matuto de outrora.

Sobre a temática, aliás, já se ateve o autor destas considerações em torno dos ensinamentos gilbertianos, quando publicou o ensaio intitulado: *Aspectos Econômicos e Sociais da Saúde e da Nutrição em Pernambuco.* Assim, entre 1961 e 1980, é patente o crescimento da produção de cana-de-açúcar, notadamente a partir de 1975, quando da criação do PROÁLCOOL. Ao contrário do que sucedeu à gramínea, a mandioca, o feijão e o milho caíram, sensivelmente, em termos de tonelagem colhida, no intervalo de 1974 a 1980. Ferindo o mesmo assunto, Ricardo Bueno faz interessantes considerações em: *Por Que Faltam Alimentos no Brasil?* O autor em causa refere que entre os anos de 1977 e 1980 a produção de cana-de-açúcar aumentou em 56,7%, enquanto a de alimentos decresceu em 25,6%. Por outro lado, segundo o mesmo Bueno, de 1972 a 1981 os vegetais considerados exportáveis tiveram as respectivas colheitas significativamente aumentadas, mas o feijão e a mandioca apresentaram-se com dados negativos.

As considerações e comentários anteriores a propósito dos males da monocultura, enfocando dados mais atualizados, de forma alguma representam novidade. Há cinqüenta anos, dizia o mestre Gilberto Freyre, que a tirar pelos estudos de ecologia do animal e da planta, a natureza é essencialmente variada, adiantando que o homem rompe o equilíbrio da variedade aludida, quando faz uma planta desenvolver-se solitária, ". . . valorizada mais do que as outras. . .". Na situação de variedade, tudo se concilia, se compensa, ensina Gilberto Freyre, enquanto a monocultura produz o desequilíbrio e perverte a vida de uma região. No drama que o exclusivismo brutal desperta, está, muitas vezes, a gênese da fome, da seca e, até, das revoluções, diz o autor de *Nordeste.* Mas, continua mostrando o sociólogo, não foi simplesmente a introdução da cana que tanto mal trouxe, e continua trazendo, à Região e sim o monopólio do solo pela gramínea, por ganância de lucro, na expressão do escritor.

Dados, agora, ainda mais atuais foram levantados pelo autor deste ensaio, contando com fontes diversas, apontadas, todas elas, nos traça-

GRÁFICO I : TONELAGEM DE CANA-DE-AÇÚCAR COLHIDA, ANO A ANO, NO ESTADO DE PERNAMBUCO, DE 1961 A 1987. - RECIFE 1988 -



Fontes : Pereira, G. J. - Aspectos Econômicos e Sociais da Saúde e da Nutrição em Pernambuco.
Anuários Estatísticos do Brasil - 82, 83, 84, 85, 86.
Medida em milhoẽs de toneladas.

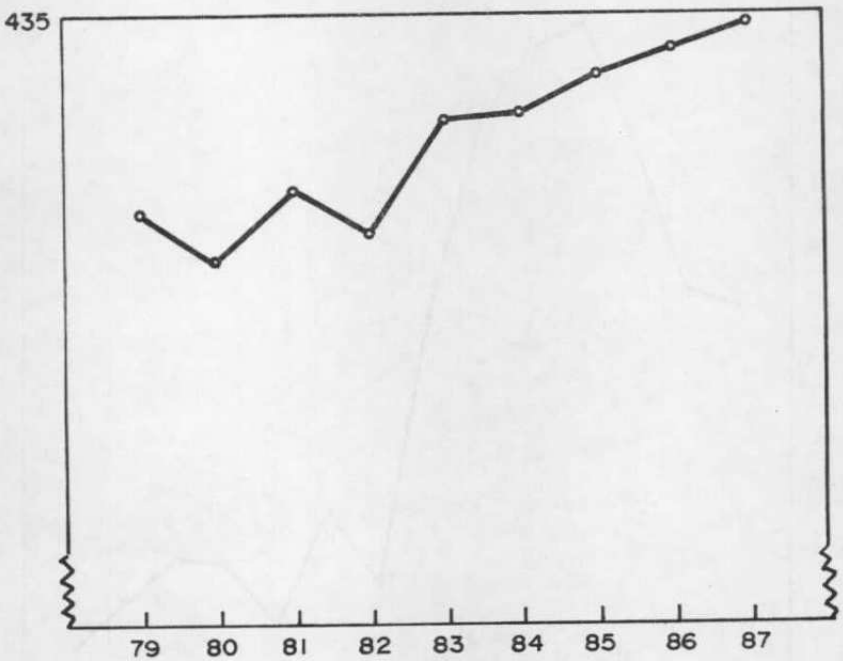
dos adiante apresentados. São informações, objetivamente elaboradas, com finalidade de mostrar o quanto a questão vem se avolumando nos últimos anos, quando o estímulo ao plantio da cana-de-açúcar tem sido, significativamente, maior, com vistas à produção do álcool carburante. Com respeito à monocultura, pôde-se recuperar dados relativos às colheitas de um intervalo de tempo maior (1961 a 1987), mas, sobre os alimentos, o período é bem menor (1974 a 1987). Mesmo assim, foi possível tirar algumas conclusões.

Nada pode ser mais expressivo do que o traçado anterior, pois acusando um crescimento progressivo na tonelagem de cana-de-açúcar colhida ano a ano, entre 1961 e 1987, mostra, de forma muito nítida, a diferenciação do aludido incremento em dois períodos bem distintos, tomando por mediador o ano de 1974. No primeiro, a ascensão existe e é patente, mas se caracteriza por oscilações, evidentemente, claras. Foi o tempo do álcool destinado a finalidades diferentes da atual, sem a estimulação governamental forte dos dias que correm. Tempos da cana plantada e depois cortada para o fabrico do açúcar, somente. Depois, com a criação do PROÁLCOOL em 1975, o traçado assume uma quase verticalidade, que é ainda mais expressiva após 1983. É cana sobre cana no massapê pernambucano!

O Governo vem, realmente, estimulando fortemente a monocultura, na esperança vã, ao que parece, de se livrar da dependência externa em matéria de combustível. Os financiamentos são facilitados e as carências tão largas quanto aquelas que fustigam a gente simples da cidade e o matuto da terra gorda. Os impostos reduzidos, quando não inteiramente dispensados, contanto que se plante, mais e mais, a gramínea no espaço agrícola de Pernambuco. Mas, a tentativa de desenvolvimento, como sempre acontece no Brasil e sucedeu na libertação do povo escravo, não se fez acompanhar das medidas necessárias à proteção social do homem do campo e o rescaldo tem sido grande. O matuto foi expulso dos domínios territoriais de outrora, dos engenhos e das usinas, fixando-se nas periferias urbanas, as quais, todos os dias, sai, em direção ao eito, para trabalhar, montado em cima de um caminhão, levando o bornal e a foice, igual ao peão, que adotou o ônibus e optou pela marmita. Pior do que isso é a migração em direção aos grandes centros, acentuada, ultimamente, contribuindo para o aumento da marginalidade e das atividades no chamado setor informal. É o matuto quem promove a inchação das cidades, na gilbertiana expressão do problema.

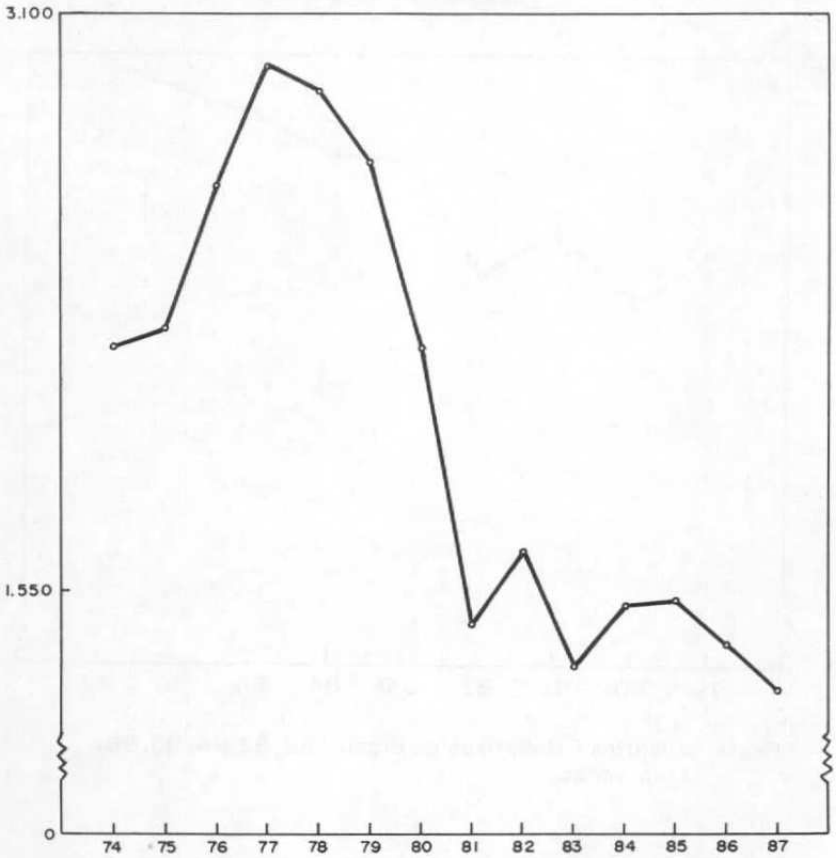
O crescente aumento das colheitas de cana-de-açúcar em Pernambuco, segundo atestam os números antes apresentados e já comentados, representam a expansão do canavial no solo rural. Em outras palavras, o massapê está cada vez mais ocupado pelo verde-pálido da cana, sendo desprezível o crescimento em razão da melhoria no rendimento por hectare plantado. Prova disso está no Gráfico II, cujo traçado mostra o evoluir do processo entre os anos de 1979 e 1987. A expressiva elevação da colheita, antes assinalada, a partir de 1983, tem a sua correspondên-

GRÁFICO II : ÁREA OCUPADA PELO CANAVIAL EM PERNAMBUCO, ANO A ANO, ENTRE 1979 E 1987. - RECIFE 1988 -



Fonte: Anuários Estatísticos do Brasil - 82, 83, 84, 85, 86.
Área em ha.

GRÁFICO III : TONELAGEM DE MANDIOCA COLHIDA NO ESTADO DE PERNAMBUCO, ANO A ANO, ENTRE 1974 E 1987.
- RECIFE 1988 -



Fontes : Pereira, G. J. - Aspectos Econômicos e Sociais da Saúde e da Nutrição em Pernambuco.
Anuários Estatísticos do Brasil - 82, 83, 84, 85, 86.

cia no gráfico de ocupação do solo rural, traduzindo a utilização de mais terra, ainda, para o canavial.

Ora, se a disponibilidade agrícola está concentrada no plantio de um só vegetal, os alimentos, com certeza, estarão prejudicados, por falta, mesmo, de espaço para o cultivo. Prejudicadas, igualmente, estarão as atividades da pecuária. Para demonstrar o dano às culturas de subsistência são apresentados adiante gráficos pertinentes às colheitas de mandioca, feijão e milho, reunindo dados de 1974 a 1987.

Eis que a produção de mandioca é o reverso da medalha do que se apresentou até agora, isto é, o contrário da produção registrada para a cana-de-açúcar. Há uma queda nítida na tonelagem obtida ano a ano, principalmente a partir de 1977. O tubérculo rendeu-se ao império da cana, cedendo o pequeno espaço de que dispunha à palidez da gramínea, possibilitando o incremento do lucro, mesmo em prejuízo daqueles que lavram a terra, deixando-lhe em gotas o suor da face!

Mais expressivo, ainda, é o caso de feijão, cujo traçado (Gráfico IV) parece ser, exatamente, o negativo do que se retratou em relação à cana. A produção é oscilante, mas a tendência, indiscutivelmente, é para o declínio; declínio mais acentuado entre 1984 e 1987, acompanhando a elevação, também mais acentuada, nas colheitas da cana.

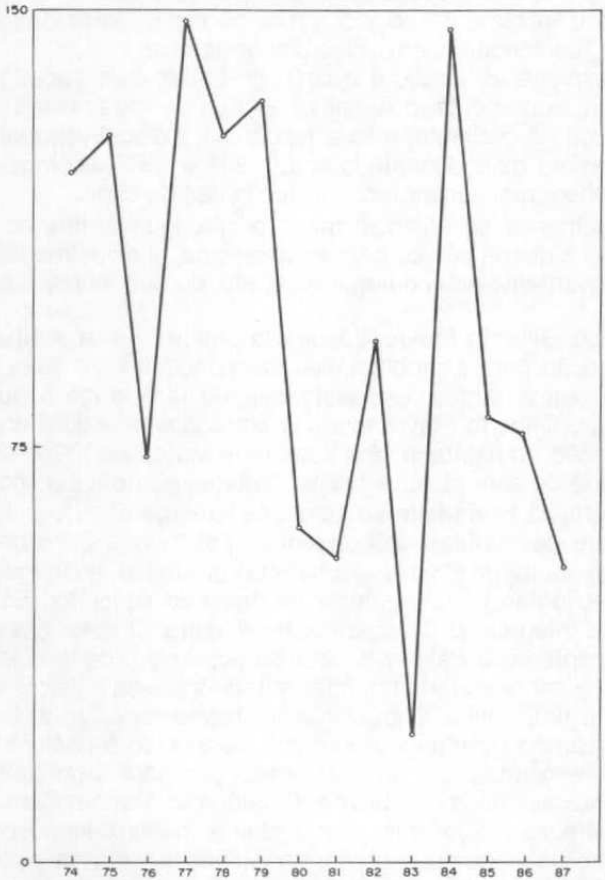
À semelhança do feijão, o milho oscila, igualmente, no intervalo estudado, mas a queda parece bem estabelecida, principalmente de 1984 em diante. Novamente aqui, o negativo, exato, do que foi retratado para a cana.

Além de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves chamaram a atenção para a problemática da monocultura e suas repercussões, dentre outros tantos, especialmente no que tange à nutrição da gente da Mata. Gilberto Freyre fala dos profundos desequilíbrios na vida e na alimentação do habitante do Litoral e da Mata, sobretudo do proletariado, impedido de criar bicho e plantar legume; gente a serviço, sempre, da monocultura. Já havia falta de carne, de leite, de queijo, de legumes e de frutas entre os matutos dos engenhos patriarcais. Por outro lado, a monotonia alimentar de Castro –, a farinha com feijão, a charque e o café com açúcar –, já não tem mais lugar na mesa do agricultor. Só a farinha e o feijão ralo integram o cardápio quando muito. O autor destas linhas, em visita à periferia de Palmares, assistiu ao almoço de uma família, em cuja refeição a cana, cortada em roletes, misturava-se ao arroz branco no prato de cada um, pais e filhos. Nelson Chaves foi outro batalhador incansável no campo da nutrição humana. Denunciou o nanismo na Zona da Mata de Pernambuco, chamando a atenção para a precariedade alimentar na causalidade do problema. O geógrafo Manoel Correia de Andrade, também tem sido outra voz a clamar neste deserto de ouvidos surdos, em diversas de suas obras, apontando a valia da pequena propriedade no contexto social em que se vive. O próprio autor destas considerações, mais modestamente, tem se pronunciado em publicações científicas ou em artigos de Jornal (*Jornal do Commercio* do Recife). Neste

País – é notório – não se dá valor às considerações de cientistas reconhecidos internacionalmente e muito menos aos que na província incursionam em tão árduo terreno!

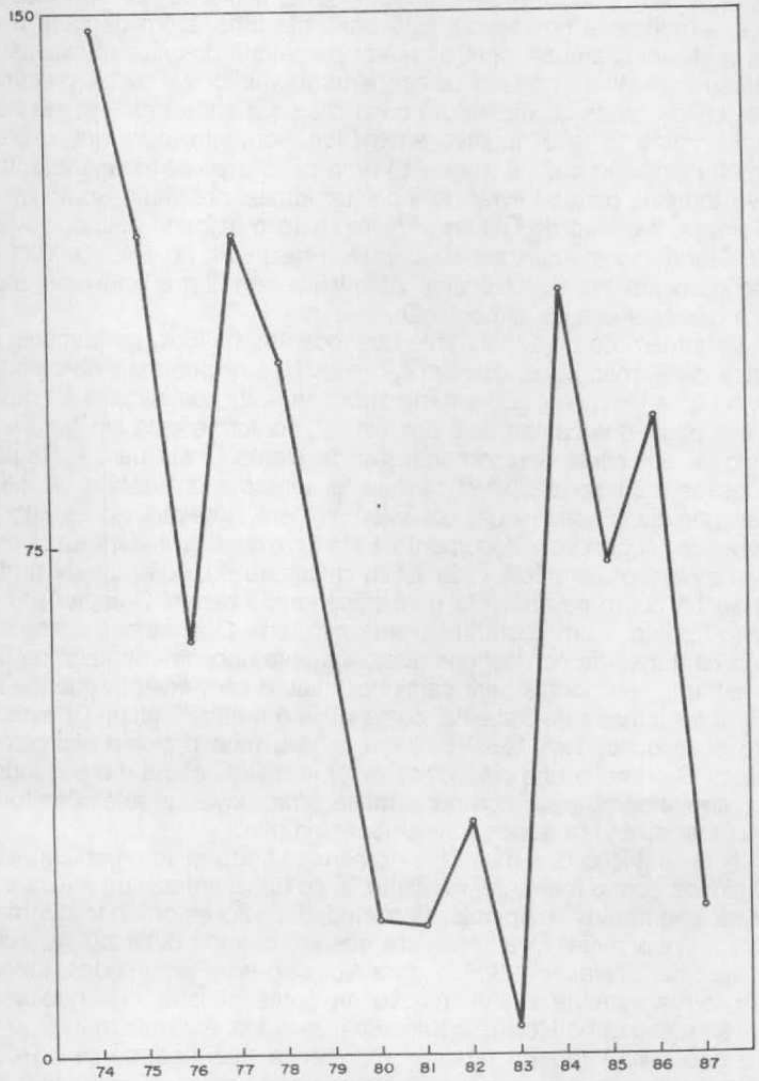
A cana, que deturpou a economia e feriu o ambiente distanciou profundamente as classes sociais, como afirma Gilberto Freyre, sem pretender entrar em detalhes, e tem sido responsável, de igual forma, pela desnutrição endêmica da Mata. Gente atarracada, nanica, mesmo, com retardo mental acentuado, povoa o massapê. Gente nascida de mãe desnutrida, que já chega ao mundo deficitária, de cérebro atrofiado e físico prejudicado.

GRÁFICO IX : TONELAGEM DE FEIJÃO COLHIDA, ANO A ANO, NO ESTADO DE PERNAMBUCO, ENTRE 1974 E 1987.
- RECIFE 1988 -



Fontes: Pereira, G. - Aspectos Econômicos e Sociais da Saúde e da Nutrição em Pernambuco.
Anuários Estatísticos do Brasil - 82, 83, 84, 85, 86.

GRÁFICO V : TONELAGEM DE MILHO COLHIDA NO ESTADO DE PERNAMBUCO, ENTRE 1974 E 1987, APRESENTADA ANO A ANO.
- RECIFE 1988 -



Fontes: Pereira, Geraldo José Marques - Aspectos Econômicos e Sociais da Saúde e da Nutrição em Pernambuco.
Anuários Estatísticos do Brasil - 82,83,84,85,86.

A distorção é recente, relativamente recente, pois a higidez do índio, como já foi comentado, é fato indiscutível. É o próprio Gilberto Freyre quem defende a idéia em *Casa-Grande & Senzala*, acusando fartura na alimentação do gentio. Frutas em quantidade, à disposição de todos na floresta e mandioca no roçado, cultivada pela tribo, além da caça e da pesca, realizadas, ambas, sem o caráter predatório dos dias atuais. Já os escravos não, vinham nos navios negreiros submetidos a dietas precárias – fava fervida todos os dias e um copo d'água a cada três – e nas senzalas a comida tinha o objetivo energético, somente, para que o preto d'África trabalhasse mais e mais. Até uma dose matinal de aguardente o escravo tomava, para se livrar do frio e ter forças, diz Mário Souto Maior em *Cachaça*. No livro de Gilberto Freyre sobre o africano aqui escravizado *(O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX)* há descrições evidentes de carências vitamínicas em certos anúncios, atestando a precariedade da alimentação.

O homem de hoje, habitante dos recantos úmidos, gordurosos, do massapê de Pernambuco, escravo é, quase. Não dispõe mais da mandioca, do feijão e do milho, como não conta com a disponibilidade de outrora: "...dos pitus, dos camarões e dos siris...", conforme está em *Nordeste*. Levando-se em conta a recomendação de Dante Costa para a Região, uma pessoa para ser saudável deveria ter direito a um aporte de 2.800 calorias por dia. Sucede que, por exemplo, em Ribeirão, no Estado de Pernambuco, segundo o documento *Estrutura da Mortalidade-Condicionamentos Básicos*, a média é de 1.175 calorias e 40,9 gramas de proteínas. Não há quem se sustente num pauperismo desse! O Jeca Tatu de Monteiro Lobato é um desnutrido, um anemiado! Desnutridos e anemiados são centenas de nordestinos que o viajante encontra sentado na beira da estrada, sem forças para caminhar mais e sem energia que lhe assegure outra jornada de trabalho, como dizia o mestre Nelson Chaves. O matuto é baixinho, tem 165,2 cm, em média, mas o sulino alcança os 170,0 cm. O primeiro não come, passa fome a vida inteira e o segundo é melhor aquinhoado, pode compor a mesa e promover as refeições todas do dia. Quer dizer, era assim, talvez nem seja mais!

A desnutrição que macula o homem da Mata já se urbanizou, chegou à cidade com o migrante; migrante, já se disse antes, que passa a integrar os segmentos marginais da sociedade. Tão esfomeado quanto o matuto, se não mais. O autor deste ensaio, quando publicou *Aspectos Econômicos e Sociais da Saúde e da Nutrição em Pernambuco*, investigou de forma sumária a alimentação da gente simples que habita um bolsão da pobreza no Recife: o Beco dos Casados. Ali, pela manhã, o café e o pão puro integram o desjejum, menos freqüentemente há ovos (53.02% das famílias) ou cuscuz. O almoço não passa do feijão com farinha e arroz, raramente há carnes de charque ou boi, fresca, mas de qualidade inferior (13,01%). O jantar é, sempre, o resto do almoço: uma sopa de feijão ou de ossos. Galinha, só aos domingos, em algumas famílias.

A ingratidão da terra, do massapê gorduroso de que fala Gilberto Freyre, estendeu-se pelos domínios hídricos deste Nordeste sofrido. O

colonizador e depois os senhores dos latifúndios, não se contentaram em macular o solo, agrediram, e ainda agridem fortemente, a água. A água tem sido, ao longo desses anos todos de civilização, um elemento agregador por excelência. Em torno dos rios, dos riachos e de outras coleções menores surgiram os aglomerados, as vilas e as cidades. Assim, os rios da terra oleosa, os grandes e os pequenos, representaram a força de atração maior para a formação dos primeiros focos demográficos, os quais evoluíram de lugarejos aos municípios da atualidade. O Cabo, Ipojuca, Escada, Água Preta, Palmares, Goiana, São Lourenço da Mata, Carpina, Limoeiro, Vitória de Santo Antão e tantas outras cidades de Pernambuco, nasceram como que tributárias de um rio, dependente de sua água, fundamentalmente, mas de seus peixes, de seus crustáceos e até, em certos casos, da navegação de pequena cabotagem. No Sertão e no Agreste foi diferente, o fantasma da seca e a permanente aridez representaram elementos significativos para uma menor concentração populacional.

Outra questão importante nos dias que correm, nesta conturbada década dos anos oitenta, como já denunciava em *Nordeste* o mestre Gilberto Freyre, continua a ser a poluição dos cursos d'água todos da Região. A referência gilbertiana à grande mortandade de peixes no rio Goiana, no Natal de 1936, quando espécimes mais finas misturavam-se a outras, mais plebéias, no dizer do autor, ainda é o retrato fiel do que se tem, transcorridos mais de cinqüenta anos. "Quase não há um rio no Nordeste do canavial que alguma usina de ricaço não tenha degradado em mictório", está na obra comentada, escrita em 1936, mas poderia estar em qualquer tratado de Ecologia ou livro de sociologia datado deste último ano da penúltima década de um século marcado pelo avanço tecnológico e definitivamente caracterizado pelas agressões às coisas da natureza.

Estão mortos os rios do Nordeste, como aponta muito bem Rachel Caldas Lins em *Efeitos Sociais da Degradação dos Rios do Açúcar do Nordeste do Brasil;* mortos porque cada dois litros da calda fedorenta produzem o equivalente, em termos de poluição, ao esgoto sanitário de um habitante por dia. E é a mesma Rachel Caldas Lins quem mostra que 12 a 17 litros de vinhoto resultam da destilação de um litro de álcool ou de aguardente.

O autor destas linhas, nas idas e vindas ao interior do Estado, cortando, às vezes, estradas vicinais, não tem visto mais pescadores de varinhas curtas nas mãos ou a gente local de tarrafas sob os braços. Em uma ou outra localidade, nas proximidades de uma foz, geralmente, os peixes do mar arriscam-se a certas incursões fluviais, quando a concentração de calda é menor.

Mas, a imundície que vem da mata chega ao Recife e vai contaminar certos recantos ecologicamente ainda sagrados, como é o caso do açude de Apipucos, dizimando tilápias e matando camurins. Em Casa Forte, no Poço da Panela, o já ecólogo Brytner da Costa Carvalho diz que os peixes do Capibaribe só podem ser vistos quando o vinhoto chega, no

momento agônico que precede à morte, nadando de lado, na última tentativa de se oxigenarem.

Além da vinhaça, como se não bastasse tanta agonia ictfica, os rios estão também contaminados pela lixívia negra das fábricas, responsável pelo aumento da alcalinidade hídrica e pelo incremento na chamada Demanda Bioquímica de Oxigênio, segundo demonstrou Ricardo Braga em: *Caracterização Ambiental do Rio Beberibe e Propostas de Recomposição.* No mesmo trabalho, o autor chama a atenção para a contaminação do aludido curso d'água com matéria fecal humana quando registra, em certos pontos de sua coleta, até 20.000 colônias de coliformes por 100 ml, dado, em tudo, inaceitável. É fácil concluir que os agentes etiológicos da Febre Tifóide, da Hepatite A e das gastroenterites em geral circulam nesse ambiente hídrico de Olinda e do Recife, disponíveis para continuarem o ciclo biológico, do qual o homem é parte integrante.

Desapareceram os peixes e morreram os crustáceos, privando a gente simples, paupérrima, das áreas ribeirinhas da proteína de alto valor nutritivo e a água corre solta, agora, como um mar de fezes, carregada dos micróbios todos da patologia humana. O rio deixou de ser a inspiração poética de que se tomou Bandeira (Manoel Bandeira – *Evocação do Recife),* para se tornar ameaçador, fantasmático.

Essa sujeira toda estendeu-se aos mangues, verdadeiros lagos de pulsação do sistema hídrico e recursos importantíssimos de ecossistemas fluviais e marinhos, como se estendeu às coleções menores e às margens, perturbando ciclos de vida entrelaçados ecologicamente. Desapareceram os anfíbios: os sapos, as jias e as rãs. Proliferaram os mosquitos, as muriçocas e as moscas, sem predadores mais que lhes controle a fase larvar e a existência adulta. Assim, o Recife é campeão, quase, da filariose no Brasil, a Dengue já fez os primeiros estragos e a Febre Amarela é esperada.

A Filariose no Recife, aliás, já está registrada em *Nordeste,* quando o autor trata das Erisipelas e comenta a relação que mantinha com a insalubridade, segundo o parecer do Dr. José Eustáquio Gomes. As erisipelas, com certeza, nada mais eram do que manifestações clínicas da Bancroftose. Dados mais recentes apontam índices de 2,44% da parasitose entre a população recifense (Geraldo Pereira – *Filariose na Cidade do Recife).* Os bairros nos quais há mais freqüentemente áreas alagadas são, justamente, aqueles mais atingidos, porém, nem Boa Viagem deixa de ter seu registro mórbido.

A contaminação dos cursos d'água por material fecal humano tem sido razão primordial em certas localidades sem abastecimento regular, para as gastroenterites infantis, responsáveis, em grande parte, pela mortalidade precoce no primeiro ano de vida. A diarréia e a desnutrição rondam o matuto, seus filhos e sua família, mantendo elevados os índices de Mortalidade Infantil, os quais, mesmo decrescentes, estão acima daqueles já considerados como altos pelos organismos internacionais de saúde.

Questão à parte é a da Esquistossomose Mansônica, parasitose dependente da falta de higiene e exigente no que tange ao ambiente hídrico. Na Mata, as duas condições estão fortemente representadas: não há saneamento básico e a bacia hidrográfica é perene. Os dejectos humanos são lançados diretamente no solo e levados, depois, pelas enxurradas ou jogados na água sem cerimônias, pois não há educação sanitária capaz de frear o ciclo biológico do verme. Por vezes, o ato da evacuação se dá durante o banho higiênico ou nos mergulhos do diletantismo caboclo. Na intimidade fluvial vivem moluscos transmissores da verminose e a continuidade da espécie parasitária fica assegurada. Em *Nordeste*, de Gilberto Freyre, o problema é abordado e o autor interpreta a injúria humana como verdadeira vingança do preto d'África contra o branco senhor, nem sempre mau, complementa o sociólogo. Foi, realmente, o negro quem trouxe a moléstia, mas ao homem de tez clara coube mantê-la, como promotor que foi, e tem sido ultimamente, das distorções todas do ambiente e da economia. Há cidades na Mata com uma prevalência da ordem de 86,8% – quase todo mundo doente! Sorte que as formas graves não ultrapassam os 5% dos parasitados e recentemente, com a terapêutica específica, o declínio de casos assim, mais importantes, tem sido registrado. Pesquisa do autor destes comentários em torno da obra gilbertiana, na cidade dos Palmares, comprova a tese amplamente defendida atualmente, da queda nas chamadas formas graves da parasitose.

O mestre Gilberto Freyre chama a atenção, no livro que vem motivando estas considerações, para a Escola de Pernambuco, no tocante aos estudos em torno da Esquistossomose. Aos nomes de Aggeu Magalhães, Luiz Tavares, Meira Lins e Fernando Wanderley, acrescente-se no presente os de Ruy João Marques, Amaury Coutinho, Salomão Kelner, Aggeu Magalhães Filho e Aluizio Bezerra Coutinho. Gente mais jovem, ainda, segue os passos dos mestres na investigação da parasitose: Ana Lúcia Coutinho Domingues, Jarbas de Araújo Malta, Mauro Siqueira, Donald Huggins e tantos outros.

Ligação estreita com a água, principalmente com as enxurradas de inverno, tem a Leptospirose, uma zoonose que reconhece no fato um reservatório importante. Ora, para os roedores já chamava a atenção Gilberto Freyre, dizendo do perigo que representava o bicho nos engenhos de açúcar, proliferando, avidamente, no azedo da bagaceira ou nos trapiches. Hoje, há ratos por toda a parte, no campo, roendo a cana ou na cidade, fustigando o casebre, à cata de uma sobra, que seja; senão o jeito é agredir o homem ou o caminhante de beira de estrada.

Da mesma forma que não estavam os senhores brancos afeiçoados à água mansa dos rios, não tinham grandes amores pelas árvores ou pelos bichos, mostra Gilberto Freyre em *Nordeste*. Desconhecia as espécies vegetais pelo nome vulgar, habitual, diz o escritor, tratando-as, genericamente, por "pé-de-árvore" ou "pé-de-pau". O mesmo se deu com os bichos, simplesmente bichos, desconhecidos, também, em maioria, da gente branca, habitante da casa-grande. Não havia intimidades com as

árvores, justamente, para evitar qualquer contacto com animais. A Mata Atlântica, então, tombou inteira, quase, para ceder lugar à monocultura, ao canavial, à cultura de um vegetal só. E a caça se juntou à queimada, para destruição de quanto animal do mato teve a afoiteza de querer resistir, diz textualmente, o sociólogo. Os bichos se foram, tangidos pela coivara e espantados com a terra desnuda.

O revestimento primitivo, segundo comenta o escritor considerado neste ensaio, era de 34%, mas nos idos de 1936, quando escrevia *Nordeste*, estava reduzido a 10%, no entender de Vasconcelos Sobrinho, citado pelo autor ou a 14%, segundo Phillipp von Luetzelburg, igualmente referido pelo escritor. Sucede que nos dias atuais o verde de Pernambuco é desprezível, inferior a 1%, conforme alude Magnanini em *Degradação Florestal no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro*. No Nordeste, dados de Magnanini, ainda, apontam o Maranhão com uma cobertura florestal da ordem de 8% e a Bahia alcançando a unidade percentual, enquanto os outros estados estão em situação semelhante a Pernambuco. No ensaio que lhe serviu para tese – *O Cajueiro Nordestino* –, Mauro Mota aponta a derrubada de 580.000 cajueiros, entre 1929 e 1949, em Olinda e Recife. O prejuízo de tudo isso excede a simples utilização dos recursos da flora pelo homem matuto, para atingir a natureza por inteiro, trazendo mudanças no clima, nas temperaturas e, até, no regime dos rios, comenta Gilberto Freyre.

Ora, com a destruição da mata, os ecossistemas foram extremamente abalados e certos ecótopos transferidos da intimidade vegetal para o domicílio ou suas redondezas. Determinadas parasitoses, restritas antes aos animais, entre os quais circulavam sem produzirem danos significativos, tomando-os por reservatórios naturais, foram impelidas na direção do homem, como forma, mesmo, de preservação da espécie. Assim foi com o Calazar e com a Doença de Chagas. É claro que o desequilíbrio ecológico gerou tudo isso, pois a fauna depende, fundamentalmente, da flora e esta, de certa forma, também, daquela. Animais e plantas interrelacionam-se fortemente, promovendo notável intercâmbio de minerais e elementos químicos em geral, o que proporciona a continuidade da vida no verde da folhagem e no colorido dos bichos.

A Região está desnuda, sem o pau d'arco, o angelim, a sucupira, o amarelo, o visgueiro, o angico e o pau-ferro. Sumiram atrás as pacas, as cutias, os tatus, as capivaras, as onças, os tamanduás e os gatos-do-mato, como desapareceram os xexéus, os canários, os sanhaços, os curiós e as gurinhatãs.

Alterado o equilíbrio, proliferaram espécies daninhas, livres agora, dos predadores naturais. Mosquitos e muriçocas foram pragas importantes da sociedade patriarcal e ao mesmo tempo escravocrata. Como foi o bicho-de-pé para o homem e o carrapato junto com a varejeira para a vaca, demonstra Gilberto Freyre, dizendo que representaram a vingança da mata.

Considerações à parte, no entanto, merecem as duas zoonoses já referidas: o Calazar e a Doença de Chagas. Ambas restritas à natureza

no passado e transferidas, por força da destruição paulatina dos ecótopos, para a convivência humana, domiciliar e peridomiciliar.

No primeiro caso, a raposa – a *Lycalopex vetulus* – servia de reservatório natural, permitindo que o protozoário – a *Leishmania donovai* – circulasse de animal em animal, produzindo dano pequeno, através de um mosquito – a *Lutzomia longipalpis*. Como a raposa vem desaparecendo, o cão doméstico assumiu o lugar de reservatório e daí para o homem o espaço foi curto. A doença tem provocado surtos epidêmicos significativos no litoral de Pernambuco, especialmente nas praias ao Norte do Recife: Janga, Pau Amarelo, Nossa Senhora do Ó, Conceição, Maria Farinha, Itamaracá e Pontas de Pedra. Coincidem os picos de acometimento humano, justamente, com áreas desmatadas há pouco tempo e em ocupação recente, mostrando o quanto de ambiental existe na questão.

Na Ilha de Itamaracá, particularmente, o autor destas considerações em torno da obra gilbertiana visitou um foco da parasitose – de Calazar. A mata tinha sido derrubada fazia poucos meses e na clareira aberta, preenchida já com moradias simples, diversos casos foram diagnosticados. Sucede que a população vinha caçando a raposa e nos finais de semana degustando o canídeo, sem preconceitos, junto com a cachaça. Vários cães apresentavam-se doentes, magros, de pelos rarefeitos e unhas crescidas. A SUCAM, em levantamento entomológico, encontrou o vetor alado, fechando o ciclo epidemiológico da parasitose na área. Foi preciso eliminar os animais domésticos com sangue positivo, para controle do surto.

Do mesmo jeito a Doença de Chagas saiu da floresta e veio se abrigar sob o teto humano, trazendo para a casa de taipa o "mal do entalo" e o "coração de boi" que tantas vidas têm ceifado. É de Ruy João Marques a afirmativa de que já em *Casa-Grande & Senzala* o autor, quando se refere às mortes por aumento do volume cardíaco, certamente está falando de casos da parasitose ora abordada.

O *Trypanosoma cruzi* circulava de bicho em bicho levado pelo "barbeiro", conhecido também pelas denominações de "chupão", "chupança", "potós" e "procotó". Morcegos, roedores, tatus, furões, gambás, ratos arborícolas e símios abrigavam o parasito, convivendo pacificamente, quase. A destruição da flora e da fauna trouxe o protozoários para o domicílio, quando acolheu o "barbeiro". Hoje o repasto dos insetos se realiza graças ao verdadeiro intercâmbio que mantém com galinhas, cães, cabras e o próprio homem.

O livro gilbertiano objeto deste ensaio termina considerando, particularmente, o homem; termina sem que encerre propriamente, o pensamento do autor, o qual se continua através do tempo, cinqüenta anos depois, nas colocações mais do que atuais a propósito das questões econômicas das interveniências ambientais e das injunções sociais. Continua-se de tal forma que tem motivado comentários assim, como estes, os quais, embora não atualizem o cerne da obra, acrescentam dados recen-

tes às idéias há tanto tempo formuladas. O homem surge ao final, amplamente descrito em dois capítulos, para finalizar a cadeia de elementos naturais – a terra, a água, a mata e os animais – intimamente dependentes e, em última análise, postos à disposição da criatura. Mas, elementos naturais, paradoxalmente, agredidos pelo ser mais beneficiado na organização das coisas da natureza: o homem.

O problema das raças é largamente discutido pelo escritor – sociólogo e antropólogo –, antecipando-se na questão, mais uma vez, Gilberto Freyre, na medida em que já defende a igualdade para brancos, negros e índios. Esta não fora, no entanto, a opinião de Agamenon Magalhães em 1921, quando defendeu tese para a cátedra no Ginásio Pernambucano – *O Nordeste Brasileiro* Magalhães refere-se claramente, ao negro e ao índio como integrantes de raças inferiores, as quais se fundiram ao ariano, português. Este, diz Agamenon, representante de uma cultura superior, originário de uma civilização elevada; superior àquelas raças rudimentares, ainda no primeiro estágio de seu desenvolvimento. E, mais adiante: "O mestiço é realmente um tipo instável, cujas influências hereditárias das raças das quais se origina ainda não estão definidas.". Nina Rodrigues, também, conforme está em *Nordeste*, considerava o mulato como partícipe de uma meia-raça, chegando a considerar a "excitação amorosa da clássica mulata brasileira" verdadeiro índice de anormalidade. Depois – é o mesmo Gilberto Freyre quem afirma – estudos mais bem conduzidos e levados a efeito por Álvaro Ferraz, Miguel de Andrade Lima e Ulisses Pernambucano puseram por terra a inferioridade racial de negros e índios, mulatos e cafuzos.

Ora, a postura segregacionista parece ter sido, como ainda hoje, particularmente importante aos grupos dominantes – economicamente dominantes –, constituídos, em maioria, por gente de tez clara. Os pretos d'África, como os negros brasileiros dos dias atuais, integravam, e integram, um grupo social sem representatividade na economia. De igual forma, o gentio, marginalizado ao longo dos quase cinco séculos de Brasil e dependentes, hoje, de movimentos internacionais de defesa.

É certo que a ciência, como alude Walter Alves Neves em *Assim Caminhou a Humanidade*, reconhece o Continente africano como o berço do homem moderno berço que data de 12 mil anos atrás. Foi a diversidade ambiental que induziu a modificação genética e morfológica da espécie, completa Neves. Sucede que a espécie é uma só - *Homo sapiens sapiens* –, estágio final de um processo evolutivo desde os primitivos hominídeos. A coloração da pele, geneticamente transmitida, parece ter sido, conforme, também, afirma Loring Brace em *Os Estágios da Evolução Humana*, o resultado de adaptações ambientais, especialmente a situações geográficas temperadas. Os neandertalenses primitivos, explica o autor, tinham uma coloração castanho-escura ou negra, mas o uso de roupas, em razão das novas características climáticas, trouxe como conseqüência a despigmentação progressiva,". . . o que permite sejam alguns povos do mundo de hoje descritos eufemisticamente como bran-

cos". Eufemismo, apenas pois que representam o descolorimento, somente, de uma pele em tudo preparada para a vida nas áreas tropicais da África. Quanto mais temperado o lugar, mais descolorido o homem! Descolorimento, depois, absorvido pelo código genético dos indivíduos, como tantas outras características humanas.

Gilberto Freyre antecipou-se a tudo isso, às conclusões científicas modernas, fundamentadas em investigações moleculares, inclusive, a partir de dados ecológicos, de informações econômicas e com base nos aspectos sociológicos e antropológicos. Tanto antecipou-se, que chegou a afirmar que os elementos geneticamente tão bons, como os primeiros colonos negros, desprestigiaram-se por condições locais. Desprestigiaram-se pela falta de cultura de subsistência, pelo latifúndio, pela escravidão e pelo patriarcalismo monossexual, ao mesmo tempo que monocultor, diz, ainda, o autor. A Paleontologia atual, com todos os recursos da técnica, apontou os caminhos de igualdade entre os homens, deixando à Sociologia explicar as diferenças que se estabeleceram entre as raças; diferenças, como sempre sucede, calcadas em gradientes também de riquezas.

Chama a atenção em *Nordeste* a questão alimentar, antes, aliás, já abordada neste ensaio. Mas, chama a atenção a predominância dos açúcares, sob todas as formas, na dieta do habitante do massapê úmido. Doces em quantidade – rapadura, caldo de cana e bolos diversificados – preenchiam o desorganizado cardápio da casa-grande, mais do que, propriamente, o da senzala. Mulheres redondas de tanto hidrato de carbono e homens obesos, barrigudos, saturados de açúcar, pareciam constituir o tipo mais habitualmente visto na sociedade de então. Mesmo assim, conforme a observação de Gilberto Freyre, o senhor não dispensava os amores da negra magrinha, de formas mais bem detalhadas.

Realmente, saúde e gordura, como diziam os antigos, andaram juntas até a década de cinqüenta. A tradição do tempo patriarcal, certamente, influenciou a manutenção de relação hoje tão desaprovada, mas é possível que a Tuberculose, altamente incidente até os primeiros anos deste século e intimamente ligada ao emagrecimento, tenha tido o seu papel.

A alimentação do escravo e do trabalhador do eito, depois, sempre foi, de todo, muito precária, por falta, mesmo, de produção, afirma Gilberto Freyre, citando médicos brasileiros de 1849. "A carne seca, o peixe seco e salgado, e as mais das vezes arruinado, a farinha sem goma, a má comida, a má dormida, a má casa, a fazenda arruinada, são os produtos que consomem o pobre...", dizia a *Coletânea dos trabalhos de Conselho Geral de Salubridade Pública da Província de Pernambuco (1849)*, citado em *Nordeste*. O documento, como pode se observar, já ultrapassa os domínios da nutrição humana, para atingir as condições de vida do trabalhador, intervenientes, também, na saúde do homem matuto de então, como no de hoje.

Sobre a questão, aliás, não se precisa recorrer à literatura especializada para atender o quanto o habitante da Zona da Mata vem sofrendo,

ultimamente. Basta viajar pelo Estado, prestar atenção à tosca habitação e indagar pelo salário. O autor deste ensaio fez longa parada em Palmares e Catende, acompanhando alunos do curso de *Fundamentos da Tropicologia*, promovido pela fundação Gilberto Freyre, observando em detalhes a problemática. O povo, mesmo o da cidade, o da periferia urbana, habita verdadeiras cafuas, casas de taipa cobertas, às vezes, por telhas, em cujas paredes a retração do barro deixa frestas em tudo permissivas à sobrevida do "barbeiro". Desejando aplicar, na ocasião, certos conhecimentos teóricos, obtidos em trabalhos especializados de Arquitetura Tropical, o autor destes comentários sugeriu à gente simples das localidades visitadas o uso de uma segunda mão, de verdadeiro reboco, conforme havia lido. Morador algum aceitou a idéia, posta, aliás, como grande novidade; deixaram de concordar porque tinham experiência na utilização repetida do barro, sem resultados. Nota-se por aí, claramente, o quanto é necessário aplicar técnicas de engenharia adaptadas às peculiaridades regionais; mas técnicas testadas no campo e justamente idealizadas a partir dos conhecimentos locais.

A precariedade de vida na área rural está muito bem expressa no livro de Manuel Correia de Andrade: *: Nordeste: A Reforma Agrária Ainda é Necessária?* A gênese do problema, como Gilberto Freyre, de certa maneira, já aponta, repousa nos exageros do latifúndio, grandes propriedades de terra que ocupam na Região 70,5% da área apropriada, enquanto os minifúndios somente 18,8% e as empresas rurais 5,0%. É no latifúndio que o mar de cana-de-açúcar se espraia cada vez mais; cada vez mais, porque depois do Estatuto do Trabalhador Rural, segundo o mesmo Correia, foram liberadas terras dentro das propriedades – os sítios e as roças dos moradores –, para a expansão das culturas dominantes. O morador foi para a periferia das cidades, amocambar-se, como no Recife. Ou se foi, de vez, da instabilidade rural para a situação urbana pior, na Capital ou nas cidades maiores do Estado.

Por outro lado, fora da propriedade, distante do engenho ou da usina, o agricultor ganha miseravelmente e tem, como os brasileiros todos, o salário corroído pela inflação galopante. Um Salário Mínimo que não chega aos trinta dólares, impede qualquer um de viver. Obriga ao exercício da miséria crônica e á prática da fome endêmica, distanciando em muito a educação e a saúde. É sub-humano existir assim!

Ocorre que os problemas do campo, da área rural, estão se urbanizando, como já se disse, chegando ás metrópoles com o migrante. Urbanizou-se a Esquistossomose mansônica, motivo, alfas, da tese de mestrado do autor deste ensaio (Geraldo Pereira – *Esquistossomose Urbana).* Da mesma forma o nanismo, descrito pelo mestre Nelson Chaves. Prova disso está no excelente livro de Meraldo Zisman: *Nordeste Pigmeu – Uma Geração Ameaçada.*

O ilustre pesquisador pernambucano – Meraldo Zisman – foi capaz de estudar 30.323 nascidos vivos no Recife, uma casuística, realmente digna de respeito, dividindo os nascituros entre bebês previdenciários e

crianças vindas á luz em maternidade da rede privada, de condição social média, em maioria, é estarrecedor saber que em 1990, segundo Zisman, o nanismo estará presente entre as crianças de baixa renda do Recife. Ocorre que apenas 21,56% dos recém-nascidos pobres apresentaram peso ideal, registro suficientemente capaz de confirmar as projeções do cientista. Oitenta por cento, quase, do proletariado está condenado a um desenvolvimento físico e psíquico comprometido: é a conclusão a que se pode chegar.

A mortalidade no primeiro ano de vida foi, significativamente, maior entre os de baixa renda (24,9%) que entre os da classe média (11,1%), na casuística de Zisman, o que atesta a influência social na questão. Gilberto Freyre, um antecipador social, já trata da questão em *Casa-Grande & Senzala*, quando atribui os elevados índices de mortalidade infantil à falta de higiene das mucamas, não que fossem, somente, as negras responsáveis por tanta morte no primeiro ano de vida, mas a insalubridade gera. Sobre mortalidade infantil, alfas, objeto de uma abordagem rápida por parte de Meraldo Zisman e de comentário, igualmente, ligeiro de Gilberto Freyre, é interessante lembrar que Ayala Gitirana em 1944, em seu relatório, inserido no *Anuário do Departamento de Saúde Pública de Pernambuco*, responsabiliza a precariedade sócio-econômica e sanitária pelos altos índices que apresenta. Aponta, também, a importância de programas nutricionais na prevenção de obituário tão elevado – 495,0 por mil nascidos vivos. Da mesma forma, Orlando Parahym, em *Contribuição ao Estudo da Mortalidade Infantil no Recife*, publicado em 1953, responsabiliza a situação sócio-econômica, a falta de saneamento e a má nutrição como razões para os dados tão elevados que registra. Se fosse possível reunir Gitirana, Parahym e Zisman, três gerações diferentes, para uma discussão a propósito da temática, ter-se-ia o mesmo discurso, mudando, somente, a forma de se expressar de cada um. Eis uma prova, inequívoca, dos ouvidos surdos – ouvidos de mercador – das chamadas autoridades competentes, cuja incompetência está perpetuada ao longo de quarenta e cinco anos, pelo menos.

O quadro é, então, caótico e as perspectivas sombrias. Programas paliativos têm sido implementados pelo governo, como demonstra, ainda, Meraldo Zisman, referindo-se especificamente à complementação alimentar, cujos resultados são efêmeros, pois na experiência do ilustre professor, 80% dos beneficiados não conseguiram recuperar padrões normais de crescimento. E, finalizando, o pesquisador chama a atenção para a impossibilidade do progresso social, sem o desenvolvimento econômico.

Faminto, carente de proteínas e sais minerais, o homem matuto tornou-se presa fácil de infecções e parasitoses, por falta de competência imunológica capaz de assegurar a defesa orgânica. Acometimentos virais, bacterianos, por protozoários e por vermes são freqüentes nas terras úmidas do massapê de Pernambuco. Sobre parasitos, aliás, já fala Gilberto Freyre em *Nordeste*, quando diz: "Que os meninos criavam lombrigas do muito doce que as pretas davam a eles."

Mesmo tratando, de passagem, da nosologia regional em *Nordeste*, ao contrário do que sucede em *Casa-Grande & Senzala* e em *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, o escritor defende, já, a idéia da gênese social na patologia individual. Referindo-se, particularmente, a médicos que se dedicaram à temática, diz: "Os doentes levaram-nos às doenças sociais. A grande doença, raiz de quase todas, que era o sistema econômico dentro do qual o homem vivia – a maioria negra e parda, escrava da minoria pálida; e todos escravos da cana. Escravos do açúcar." Assim fazendo, Gilberto Freyre, novamente, está se antecipando, pois que desprezando o modelo do tempo, de aceitação das chamadas doenças tropicais, dependentes das peculiaridades mesológicas, vai calcar na economia deturpada e nas injunções sociais todas, as responsabilidades por grande parte das injúrias orgânicas. Hoje, a questão é aceita desta forma, sociologicamente posta. Não se pode admitir, como muito bem alude Orlando Parahym em *A Doença no Nordeste*, uma verdadeira fatalidade nosológica, dependente do clima ou de condições outras peculiares aos trópicos. Mas, assim foi no século passado e durante parte do atual, tanto é que os *Annaes da Medicina Pernambucana (1842 a 1844)*, apontam a grande preocupação da época em torno das temperaturas, dos registros da umidade relativa do ar e da pressão atmosférica, como forma, mesmo, de orientar os médicos no diagnóstico epidemiológico das doenças então registradas. É certo que algumas interveniências ambientais tenham o seu papel na manutenção endêmica de infecções e parasitoses, mas a melhoria dos padrões de vida da gente simples há de concorrer, sem sombra de dúvida, para o controle de agressões assim, dependentes das condições sociais.

Referências claras, evidentes, em *Nordeste* às doenças dos trópicos são poucas, já se disse, mas em *Casa-Grande & Senzala* a riqueza nosológica é grande, o que motivou o excelente ensaio *Casa-Grande & Senzala, Gilberto Freyre e Medicina*, do ilustre professor pernambucano, pesquisador e humanista, Ruy João Marques. Ruy Marques disseca a obra inteira do sociólogo-antropólogo, comentando cada uma das abordagens gilbertianas em torno da nutrição e da saúde do índio, do negro e do branco. O livro é pródigo em todos os aspectos, mas é particularmente interessante, para quem, como o autor destas linhas, dedica-se à Medicina Tropical, na medida em que faz uma abordagem profunda da nosologia regional, das doenças todas que fustigaram, e fustigam, ainda, o homem da área intertropical do globo.

A nutrição dos três segmentos étnicos é muito bem estudada e o índio, hígido pela própria natureza, aparece como a grande lição do convívio harmônico entre o homem e o ambiente; convívio capaz de garantir a sobrevivência com uma alimentação rica, balanceada, sem, contudo, realizar atos predatórios. O negro, pela inferioridade

social que enfrentou, e enfrenta, contou sempre com um cardápio escrito pelo homem branco, no qual valia a energia para o trabalho, somente. A criatura de tez alva reservou para si o melhor, mas, mesmo assim, como a ganância presidiu o tempo todo os destinos da casa-grande, preferia-se plantar cana-de-açúcar aos mantimentos da mesa. Importava iguarias do Reino, mas não chegava a ter fartura. Vez ou outra preparava banquetes e impressionava o visitante, para fazer figura.

Em *Casa-Grande & Senzala*, como alude Ruy João Marques, Gilberto Freyre fala de inúmeros acometimentos orgânicos. Da Tuberculose, da Bouba, da Varíola, dos vermes e das coceiras. Mas, fala, também, do Banzo, a saudade da terra natal, que deprimia o negro, deixava-o, por vezes, andando nas ruas sem destino certo, leso, quando não bêbado, para esquecer a África.

Como Ruy Marques, o autor destas linhas escreveu um ensaio, baseando-se em *Os Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, intitulado: *A Saúde e a Nutrição do Escravo em Anunciologia gilbertiana*. Trata-se de estudo mais modesto, menor, mas representa uma tentativa no sentido de estudar a patologia do homem expatriado e de brasileiros pretos, nascidos depois, em pleno período escravocrata. A carência alimentar transparece nos casos de comprometimento ósseo, atestando o Raquitismo que alguns negaram, por considerarem improvável de existir em clima tropical, de sol o ano inteiro. Carência, também, de Vitamina A, cuja manifestação clínica – a Cegueira Noturna –, com freqüência, aparece em anúncios de negros fugidos. A Filariose, também, está patente, nas pernas inchadas e nas referências às crises de Erisipela. Como a Cirrose Hepática, presente nas fisionomias opadas de pretos beberrões. Muito interessante são certas manifestações psíquicas e determinadas alterações comportamentais, resultantes, certamente, do estado de subserviência em que viviam os escravos e das lembranças do continente de que vieram. Outra observação, também, de muito interesse é a caracterização biotipológica dos fujões. Fugiam mais os negros altos e magros, Leptossômicos e menos os baixinhos, atarracados, Brevilínios. A inquietude é própria das pessoas de estatura elevada, enquanto a acomodação parece ser uma característica da gente mais baixa, tendente à obesidade.

Todo esse comprometimento apresentado nos três livros gilbertianos antes aludidos, continua, conforme, mesmo, foi possível acompanhar ao longo destas considerações em torno de *Nordeste*. O matuto da palha da cana rende-se cedo à insalubridade da vida que leva. Morre precocemente, não se alimenta a contento, não se educa como deve ter direito qualquer ser humano e não tem saúde. Habita a precariedade de uma moradia tosca e vai ao eito para ganhar uma miséria. Por isso, quase não é gente!

Mas, gente espoliada por fora e por dentro; por fora pelo branco senhor e hoje empregador e por dentro pela quantidade

enorme de parasitos que alberga. As parasitoses intestinais fustigam o homem da Mata, diminuindo-lhe o rendimento no eito, no plantio e no corte da cana. Todos, ou quase todos, estão infestados por um ou por outro tipo de verme ou de protozoário. Só estão livres da solitária – *Taenia sp* – pois carne não comem. Sobre a temática, há uma publicação do autor destes comentários e colaboradores – *Parasitoses Intestinais em Pernambuco – Estudo de Uma Localidade na Zona da Mata.* No ensaio referido, envolvendo 2.311 pessoas, mais de 75% estavam parasitadas por *Ascaris e Trichuris*, enquanto 38,6% abrigavam vermes da família *Ancylostomidae*, grandes hematófagos do intestino humano e 23,4% tinham *Schistosoma mansoni.* Um estudo recente (1987), levado a efeito no Brasil inteiro e em Pernambuco desenvolvido sob a responsabilidade do autor deste ensaio – *Levantamento Multicêntrico de Parasitoses Intestinais no Brasil – Os Resultados finais* –, mostrou resultados assemelhados. apontou que 65,3% dos envolvidos na pesquisa, compreendendo o Litoral, a Mata, o Agreste e o Sertão, são poliparasitados. Destes, 15,5% albergam o verme do amarelão, integrante da família *Ancylostomidae.* Causou certa admiração o registro pequeno da Esquistossomose – 1,1% –, o que faz suspeitar da infidelidade da amostra, mas, por outro lado, razão para uma investigação complementar na zona da mata, pelo menos, em Palmares, de onde veio o material, para confirmar ou corrigir os resultados. O autor destas linhas fará a complementação.

No trabalho de pesquisa anterior salta aos olhos a precariedade do existir neste País, quando se tem que 68% dos incluídos na investigação viviam de uma renda que variava entre o nada e os dois salários mínimos mensais. As moradias, de outra parte, em 81% dos casos não passavam de barracos e a água só era tratada em 55% das situações. Ainda, 72% dos parasitados acusaram o convívio nada salutar com cães, gatos e ratos, animais importantes na transmissão de zoonoses.

Eis o quadro atual do homem nordestino, do matuto pernambucano, em particular. Eis a inferioridade humana resultante de uma economia deturpada e falida, que alterou, e altera, o ambiente e produziu sérias injunções sociais. Injunções que estão a requerer soluções definitivas, sem paliativos, capazes de, no menor prazo possível devolver ao homem do campo como ao da cidade, o mínimo de dignidade. Eis, também, a atualidade de *Nordeste*, escrito por Gilberto Freyre já se vai meio século.

BIBLIOGRAFIA

1. ANDRADE, Manuel C. de. *Nordeste: a reforma agrária ainda é necessária.* Recife: Ed. Vozes, 1981.
2. ANNAES da medicina pernambucana (1842-1844). Edição facsimilar. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1977.
3. ANUÁRIO Estatístico do Brasil - 1984. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1985.
4. ANUÁRIO Estatístico do Brasil - 1986. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1987.
5. ANUÁRIO Estatístico de Pernambuco - 1983. Recife: Instituto de desenvolvimento de Pernambuco, CONDEPE, 1985.
6. BRACE, C. L. *Os estágios da evolução humana.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
7. BRAGA, R.A. P. Caracterização ambiental do rio Beberibe e propostas de recomposição. In: JATOBÁ, Lucivânio, org. *Estudos Nordestinos de meio ambiente.* Recife: Ed. Massangana, 1986.
8. BUENO, R. *Por que faltam alimentos no Brasil? reforma agrária.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
9. CHAVES, N. *Nutrição e Trópico. In:* SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 1, 1966. Recife: *Anais.* Recife; Ed. Universitária, 1969. p. 123-165.
10. CHAVES, N. Nutrição e trabalho físico. *O hospital,* v, 75, n. 5, p. 1879-82, 1969.
11. CHAVES, N. *trópicos, nutrição e desenvolvimento.* Recife: Imprensa Universitária, 1965.
12. ——. *Fome, criança e vida.* Recife: Editora Massangana, 1982.
13. CAMPOS, R. & BRIGNES, W. *Levantamento multicêntrico de parasitoses intestinais no Brasil - os resultados finais.* Rhodia - Grupo Rhône - Porlen, 1989.
14. CASTRO, J. *Geografia da fome.* 10. ed. Rio de janeiro. Edições Antares, 1984.
15. CARVALHO, B. C. *Informação pessoal* (aluno do 1º grau do Colégio Agnes Erskine). Arguto obervador das coisas da natureza.
16. COSTA, D. Comentários à conferência de Nelson Chaves. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 1, 1966. Recife. *Anais.* Recife: Editora Universitária, 1969.
17. FERREIRA, L. F. ARAÚJO, A. G. J., CONFALONIERI, V. E. Os parasitos do homem antigo. *Ciência hoje.* v.1, n.3. p. 63-67, 1982.
18. FONSECA; E. N. *O Recife de Manoel Bandeira.* Recife: Pool Editorial, 1986.

19. FREYRE, G. *Nordeste*. 3. ed. Rio de janeiro: José Olympio, 1961.
20. FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.
21. ———. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*.2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
22. ———. *Nordeste*. 5. ed. Rio de janeiro: J. Olympio, 1985.
23. GITIRANA, A. Inspetoria de epidemiologia e bioestatística. In: *Anuário do Departamento de saúde pública do estado de Pernambuco*. recife, 1944.
24. LINS R. C. Efeitos sociais da degradação dos rios do açúcar no Nordeste do Brasil. In: JATOBÁ, Lucivânio, org. *Estudos Nordestinos do meio ambiente*. Recife: Ed. Massangana, 1986.
25. MAGALHÃES, A. *O Nordeste brasileiro* 3 ed. Recife: Ed. ASA Pernambuco, 1985.
26. MAIOR, M. S. Cachaça. In: *O Homem do Nordeste*. Recife: Ed. Massangana, 1982.
27. MARQUES, R. J. *A doença de chagas em Pernambuco*. Recife, 1955.
28. ———. *Casa-Grande & Senzala, Gilberto Freyre e medicina*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1983.
29. ———. *Saúde e Nordeste*. Recife: Ed. ASA Pernambuco, 1985.
30. ———. Medicina no trópicos - tentativa de conceituação da chamada medicina tropical. In: MIRANDA, M. C. T. Org. *Em torno de alguns problemas do trópicos brasileiro*. Recife: Ed. Massangana. 1986.
31. MALTA, J.; PEREIRA, G., AZEVEDO, JR. O. M. Mortalidade por doenças cardiovasculares no Recife e sua correlação com outras doenças. *Bol. trim. clin. doen. infec. Paras*, v. 5, n. 1, p. 7-28, 1985.
32. MALTA, J. Doenças cardíacas nos trópicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1, 1987, Recife. *Anais*. Recife: Ed. Massangana, 1987.
33. MAGNANINI, A. Degradação florestal no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro: *FBCN (informativo)* Rio de Janeiro: v. 7, n. 2, 1982.
34. MOTA, M. *O cajueiro nordestino*. 3 ed. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1982.
35. NEVES, W. A. Assim caminhou a humanidade *Ciência hoje*, v. 8, n. 47, p. 46-54, 1988.
36. PEREIRA, G. *Esquistossomose urbana*. Recife: Ed. Universitária, 1981.
37. ———. Filariose na cidade do Recife. *F. médica*, v. 87, n.2, p. 77-82, 1983.
38. ———. Leishmaniose visceral em Pernambuco. *Boletim trim. clin. doen. infec. paras*. (Br). v. (1): 53-70. 1985.

39. PEREIRA, G. *Aspectos econômicos e sociais da saúde e da nutrição em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária - UFPE, 1984.
40. PEREIRA, G., COSTA, D., SIQUEIRA, M. Parasitoses intestinais em Pernambuco: estudo de uma loalidade da zona da Mata. *Bol. trim. clin. doen. infec. paras.*, v. 3, n. 1, p. 79-94, 1984.
41. PEREIRA, G. A fome no Nordeste - causas e efeitos. Especial enfoque a Pernambuco. *Rev. bras. clin. terp.*, v. XV, n. 6, p. 180-184, 1986.
42. ——. A nutrição e a saúde do escravo em anunciologia Gilbertiana. *Ciên.& Tróp.*, Recife, 1989. (No prelo)
43. PARAHYM, O. A doença no Nordeste. In: VASCONCELOS SOBRINHO, J. *As regiões naturais no Nordeste, o meio e a civilização*. Recife: CONDEPE, 1970.
44. ——. *Contribuição ao estudo da mortalidade infantil no Recife (fatores econômicos - sociais)*. Recife, 1953.
45. SOTERO, A. Agricultura no trópico brasileiro - subsídios a uma política de ação. In: MIRANDA, M. C. T., org. *Em torno de alguns problemas do trópico brasileiro*. Recife: Ed. Massangana, 1986.
46. ZISMAN, M. *Nordeste pigmeu - uma geração ameaçada*. Recife: Organização Psicossomática, 1987.